

SCHWEITZER

E O AMOR INCONDICIONAL À HUMANIDADE

"QUANDO O
HOMEM APRENDER
A RESPEITAR ATÉ O
MENOR SER DA
CRIAÇÃO, SEJA
ANIMAL OU
VEGETAL, NINGUÉM
PRECISARÁ ENSINÁ-
LO A AMAR SEU
SEMELHANTE."

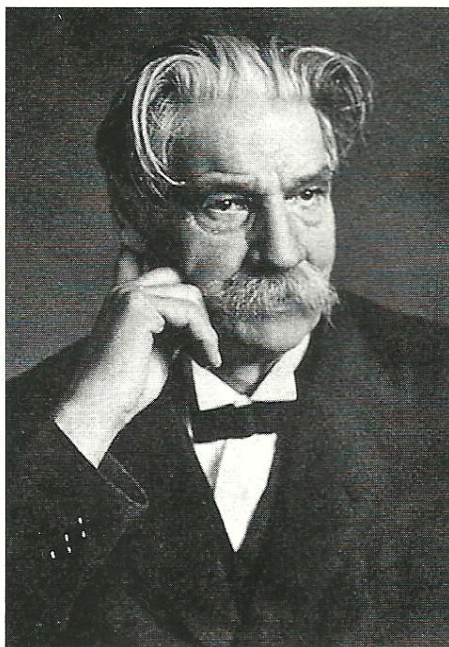


Foto: Divulgação

Albert Schweitzer nasceu em 14 de janeiro de 1875, em Kayserberg, região pertencente na época ao Império Alemão e hoje parte da França. Aos trinta anos, ele já gozava de uma posição invejável: trabalhava numa das mais notáveis universidades europeias; tinha uma grande reputação como músico (era um dos melhores intérpretes de Bach) e prestígio como pastor de sua igreja. Porém, isto não era suficiente para uma alma sempre pronta ao serviço, e ele direcionou sua atenção aos africanos das colônias francesas que, numa total orfandade de cuidados e assistência médica, debatiam-se na dura vida da selva.

Em 1905, iniciou o curso de medicina, e seis anos mais tarde, já formado, casou-se e partiu para o Gabão, onde uma missão necessitava de médicos. Ao deparar-se com a falta de recursos iniciais, improvisou um consultório num antigo galinheiro e atendeu seus pacientes enfrentando obstáculos como o clima hostil, a falta de higiene, o idioma que não entendia, a carência de remédios e

instrumental insuficiente. Mesmo assim, tratava de mais de 40 doentes por dia.

Com o início da I Grande Guerra, Schweitzer foi levado para a França como prisioneiro de guerra. Passou todo o período de conflito confinado num campo de concentração e com o final do combate reiniciou seu trabalho como se nada tivesse acontecido, e ante a visão de um mundo desmoronado, dizia: "Começaremos novamente, devemos dirigir nosso olhar para a humanidade". Realizou uma série de conferências, com o único intuito de colher fundos para reconstruir sua obra, tornando-se muito conhecido em todos os círculos intelectuais da Europa.

Após sete anos, partiu novamente para o Gabão. Desta vez, acompanhado de médicos e enfermeiras dispostos a ajudá-lo. O hospital foi levantado numa área mais propícia e, com o auxílio de uma equipe de profissionais, pôde dedicar algumas horas de seu dia a escrever livros, cuja renda contribuía para manter os pavilhões hospitalares.

Extasiou o mundo com sua vida e sua obra, e em 1952, recebeu o Prêmio Nobel da Paz, como humilde homenagem a um "Grande Homem".

Que a paz, amor, saúde, fraternidade e felicidade estejam sempre presentes em suas vidas!

Um forte abraço,
Alex Cardoso de Melo

Amor

Alex Cardoso de Melo dedica boa parte do tempo à frente do seu projeto/ONG - Meu sonho não tem fim. A cada edição, Alex divide conosco reflexões de grandes personalidades, que como ele, sonharam com um mundo melhor.

redacao@revistaemdia.com.br
alex@meusonhonaotemfim.org.br